



Cap. 7

Uma proposta de olhar para os cadernos escolares

Anabela Almeida Costa e Santos

In SOUZA, B.P. (Org.) **Orientação à Queixa Escolar**.
São Paulo: Portal de livros abertos da USP, 2020. 1ª. ed. 2007.
p.p. 165-184
E-book.



Essa obra é de acesso aberto.
É permitida sua reprodução total ou parcial,
desde que citada a fonte e a autoria e sem fins lucrativos,
respeitando a licença Creative Commons indicada.

Uma proposta de olhar para os cadernos escolares

Anabela Almeida Costa e Santos¹

Começamos por uma cena trivial nos consultórios dos profissionais que recebem encaminhamentos de queixas escolares, tais como psicólogos e psicopedagogos. Uma criança chega ao consultório para ser atendida. O encaminhamento foi feito pela escola, que aponta problemas relativos à aprendizagem e à disciplina.

A partir do pedido de atendimento, uma gama de procedimentos clínicos pode ser utilizada: desde as técnicas de avaliação psicológicas tradicionais, até modos de aproximação mais coerentes com os avanços teóricos na área, que têm buscado uma aproximação com o que ocorre na situação escolar da criança. Neste último caso, ganham espaço as entrevistas com os pais e com a professora, assim como sessões com a criança com a utilização das mais variadas técnicas de avaliação e intervenção. As diversas abordagens clínicas propõem caminhos e procedimentos para cada uma destas etapas.

Algumas vezes, a mãe, ou até mesmo a própria criança traz cadernos, provas ou trabalhos. Tais materiais são trazidos ao consultório no anseio de que possam fornecer importantes informações que auxiliem na compreensão e intervenção na

¹ Psicóloga, mestre em psicologia escolar pelo Instituto de Psicologia da USP, doutora pelo mesmo instituto, professora da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: anabelas@uol.com.br

questão apresentada. Mas, o que fazer com tais materiais? Como olhar para eles? Em que aspectos podem realmente contribuir?

Este capítulo tem como objetivo apresentar uma proposta de utilização clínica das produções escolares, em especial os cadernos de alunos do ensino fundamental, para o diagnóstico e intervenção em queixas escolares, sob uma perspectiva crítica.

A dificuldade em encontrar caminhos para compreender e retirar informações a partir dos materiais escolares é bastante compreensível. De modo geral, os cursos voltados para a formação de profissionais que atuam no atendimento à queixa escolar não apresentam estas produções como recursos para o diagnóstico e a intervenção.

Se realizarmos uma busca bibliográfica, identificaremos a dificuldade de encontrar trabalhos que abordem o assunto. Alguns dos poucos trabalhos que o fazem também não auxiliam a compor uma abordagem crítica de atendimento, dado que propõem que os cadernos sejam utilizados para a identificação de “distúrbios de aprendizagem” e de características afetivas e de personalidade dos alunos.

Costa (1983, 1993), por exemplo, adota o referencial teórico-metodológico da neuropsicologia e apresenta um trabalho especialmente dedicado ao estudo da escrita no qual propõe que os cadernos escolares sejam um instrumental para a realização de diagnósticos. Costa (1993) defende a vantagem da utilização dos cadernos, em comparação com o uso de testes, para a realização de uma avaliação neuropsicológica, apresentando três argumentos: os cadernos possibilitam o acompanhamento de um maior período de tempo, desta forma revelam manifestações que deixariam de aparecer nos testes; são materiais que têm uma linha de continuidade que possibilitaria identificar se algum ‘desvio’ seria ocasional ou definitivo e, além disso, “a produção do caderno é natural e espontânea, excluindo assim, as possibilidades de vieses da situação de testes” (p. 4). A autora afirma que os cadernos podem ser uma importante ferramenta diagnóstica

para a identificação de disgrafias, dislexias, afasias e discalculias, por serem “um dos registros de como o cérebro funciona.” (p. 190)

Outro modo utilizado por psicólogos para atribuir significados aos cadernos e demais produções escolares considera que “o caderno representa um importantíssimo elemento de projeção dos estados afetivo-emocionais da criança” (Costa, 1983), ou que possa ser uma forma de conhecimento da personalidade do aluno. A partir desta abordagem, tanto a apresentação dos materiais escolares, quanto o seu conteúdo passam a ser utilizados como base para inferências relativas ao funcionamento psíquico da criança. Por exemplo, Antunha (1972) propõe a seguinte análise: “é muito frequente que se encontrem cadernos todos rasgados, puídos, riscados, sem capa, com orelhas, cheios de desenhos perseverativos, tudo revelando desligamento, desprezo, violência ou agressão simbólica” (p. 157).

Identifica-se que as propostas mais difundidas de análise dos materiais produzidos na escola compreendem-nos numa mesma chave utilizada para a interpretação dos testes psicológicos². Desta forma, consideram-nos reveladores de aspectos mais ligados à inteligência e ao funcionamento neuropsicológico, ou às questões afetivo-emocionais ou de personalidade. São compreendidos de modo descontextualizado, desconsiderando o conjunto de relações e regras em meio às quais tomam forma as produções escolares, sendo tomados como produções individuais, naturais e espontâneas que teriam o poder de espelhar características dos alunos.

² A crítica à utilização dos testes psicológicos como instrumentos de avaliação vem sendo feita de modo extenso por diversos autores (Gould, 1999; Patto, 1990; 2000; Moysés, 2001).

Como compreender, então, cadernos como os seguintes:



Fig 1. Severino

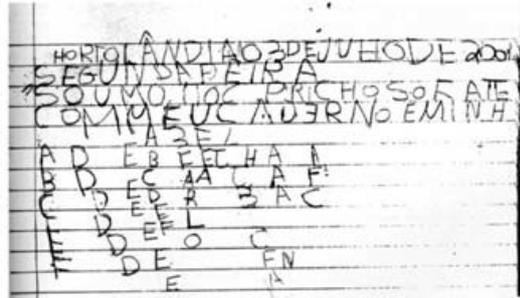


Fig 2. Mateus

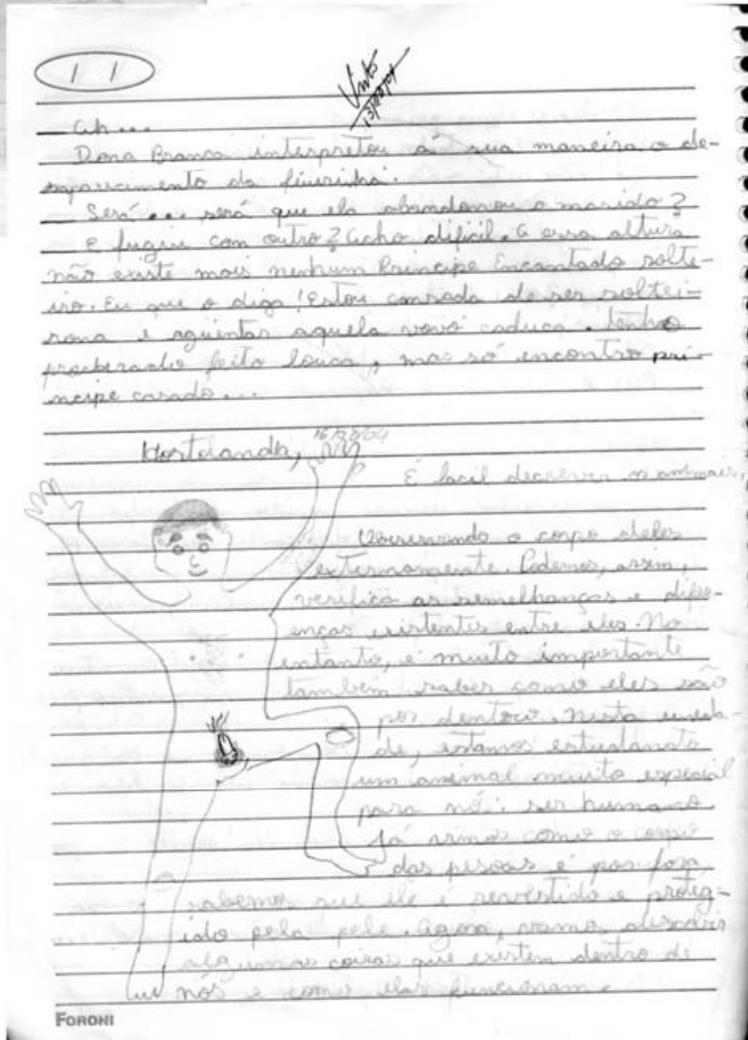


Fig 3. Rodney

A primeira produção pertence a um aluno de primeira série do ensino fundamental. Trata-se de uma cópia de conteúdo apresentado na lousa pela professora, que visa explicar aos alunos como funciona a multiplicação por 7. A segunda figura mostra uma tentativa de cópia de conteúdo da lousa, feita por um aluno também de primeira série. A última é uma cópia de um livro didático de Ciências, realizada por um aluno de quarta série. Produções como estas facilmente poderiam induzir a diagnósticos que apontassem disgrafias, dislexias, discalculias, bem como questões preocupantes do ponto de vista de personalidade e/ou afetivo-emocional.

Cada uma dessas páginas faz parte de cadernos de alunos acompanhados pelas pesquisas de mestrado e doutorado que desenvolvi com o intuito de compreender como os cadernos escolares são produzidos (Santos, 2002). A ideia de conduzir um estudo a respeito deste tema partiu exatamente da dúvida, surgida em atendimentos clínicos que tinham a queixa escolar como tema, sobre como compreender os materiais escolares trazidos pelos alunos. Em busca de encontrar caminhos para compreender os materiais produzidos na escola, foram acompanhadas, de modo prolongado, as atividades de salas de aulas, realizadas entrevistas com alunos e professores e recolhidos diversos cadernos.

Para a realização desses estudos, considerou-se que era fundamental conhecer o contexto no qual os conteúdos dos cadernos eram compostos para, desta forma, encontrar pistas que auxiliassem na compreensão de algo tão escassamente abordado pela psicologia. Por que os professores adotam cadernos? Que uso fazem deles em sala de aula? Qual acompanhamento é feito deste tipo de atividade? Sob que tipo de exigências esses materiais são produzidos? Como os alunos aprendem a seguir/transgredir as regras propostas pela escola? O que consideram mais ou menos importante quando realizam as atividades em seus cadernos? Quem são as pessoas a quem se destinam os conteúdos? Estas foram algumas das perguntas que moveram o trabalho de pesquisa e cujas respostas podem auxiliar na compreensão das produções escolares das crianças.

Em busca de compreender alguns cadernos

Ao acompanhar, ao longo de todo um ano letivo, a sala de aula de cada um dos alunos cujos cadernos foram apresentados, inúmeras informações foram recolhidas. Essas informações foram cruciais para a compreensão desses materiais.

Tomemos como exemplo a primeira figura. O que se pode saber a partir das informações presentes? É possível identificar, pela data que, muito provavelmente, se trata de dezembro, ou seja, do final do ano letivo. A qualidade do trabalho, as letras, a escrita, a organização do conteúdo e a dificuldade de compreensão pode levar-nos a pensar que algo não vai bem na escolarização do aluno. O conteúdo desta página de seu caderno apenas permite supor que se trata de uma atividade de matemática, possivelmente se tratando de algo relativo à multiplicação.

Sem dispor de informações e explicações adicionais, seria ousado e talvez enganoso fazer afirmações que transcendessem sobremaneira as apresentadas. Porém, conhecendo um pouco mais a respeito do aluno que realizou esses registros, seu percurso escolar, suas hipóteses sobre como proceder com seus cadernos, sua professora, a relação entre eles, será possível compreender como se engendrou uma produção como esta ao fim do ano. Falamos de Severino, aluno de primeira série do ensino fundamental, que estava no seu primeiro ano de escolarização³. O início na escola foi bastante difícil, no começo do ano passava quase toda a aula chorando. Ainda assim, cumpria as atividades solicitadas que, àquela altura do ano, consistiam basicamente em jogos e desenhos. Aos poucos, Severino deixou de ser o aluno que mais chamava a atenção para ser um dos mais discretos da sala. Sua fisionomia revelava seriedade e sua postura, sobriedade. Raramente conversava com os colegas ou envolvia-se em brincadeiras. Passava a maior parte do tempo só. Em sala de aula, estava sempre

³ Este caso está descrito mais detalhadamente em Santos e Souza (2005).

sentado à sua mesa, tendo à frente os materiais escolares envolvidos nas tarefas propostas. Buscava pouco a professora.

Seu desempenho acadêmico foi bastante fraco. Nos cadernos de Severino, não foi possível encontrar dias em que as lições foram feitas de modo completo e correto. Ao longo do ano, foi possível identificar mudanças importantes no conteúdo registrado nos cadernos deste aluno. Nas primeiras semanas, o caderno mostrava apenas tentativas, malsucedidas, de cópia do cabeçalho. Ainda não familiarizado com o formato de letras e números, ele tentava reproduzir as formas colocadas na lousa. Ao longo do ano, Severino passou a obter mais sucesso nessa atividade diária, chegando a conseguir, em alguns dias, concluir a cópia do cabeçalho, podendo dedicar-se às demais atividades propostas. Porém, com o passar do tempo, um número maior de alunos passou a dominar a atividade de copiar da lousa, o que possibilitou à professora solicitar mais esse tipo de tarefa dos alunos. Ao ter uma grande quantidade de conteúdos a copiar, Severino acabava por dedicar-se durante todo o tempo de aula a esta tarefa. O resultado era que ele não realizava nenhuma atividade mais direcionada à aprendizagem de leitura e escrita ou de matemática. Eram comuns as situações em que o aluno passava longo tempo tentando copiar pequenos conteúdos apresentados na lousa. Houve uma situação em que uma hora e meia foi dedicada à cópia do cabeçalho⁴. Ora ele começava pelas primeiras letras de cada linha, ora pelas últimas. Não se satisfazendo com o resultado, apagava e reescrevia diversas vezes. O traçado das letras ainda não era algo que dominava bem, então algumas eram desenhadas sem muito sucesso. O resultado final de um intenso trabalho era, em geral, bastante confuso, incompleto e incompreensível.

⁴ O conteúdo do cabeçalho era:
HORTOLÂNDIA, 29 DE MAIO DE 2000.
TERÇA FEIRA
EU SOU CAPAZ DE SER MELHOR DO QUE JÁ SOU.

Estas cenas se repetiam ao longo do ano e cada vez Severino ficava mais atrasado, em termos de aprendizagem, em relação aos seus colegas. Concentrava-se tanto na cópia da lousa que deixava, por longos momentos, de participar das demais atividades desenvolvidas em sala de aula.

Mas o que tanto perseguia o aluno ao copiar? Por que tal atividade tomava-lhe tanta dedicação e atenção? Não era possível deduzir isto a partir dos seus cadernos. E nem mesmo por meio da simples observação de seu trabalho. Como pesquisadora, foi necessária uma cuidadosa aproximação, horas de observação e a busca por conversar com ele sobre o que fazia. Após muito buscar a resposta, um dia Severino revelou o que lhe causava tantas dificuldades: “A linha de lá [da lousa] é grande e essa [a do caderno] é pequena”. Ou seja, Severino empenhava-se em reproduzir aquilo que estava na lousa tal e qual lhe era apresentado. Assim, quando uma frase estava colocada na lousa, em uma única linha, ele procurava fazê-la também em uma linha de seu caderno, tarefa que se revelava difícil na maioria das vezes, especialmente pelo fato de seu caderno ser pequeno e de sua letra ser grande.

De modo algum tal objetivo pode ser considerado sem razão. Era recorrente ouvir recomendações da professora a toda a sala para que fizessem igual ao que estava na lousa. Severino, que não conseguia ainda diferenciar em que momentos era fundamental fazer igual e em quais era possível fazer adaptações, apenas buscava cumprir o que lhe era frequentemente solicitado. Imerso em tais preocupações, o aluno deixava de voltar sua atenção para os conteúdos realmente fundamentais desta etapa da escolarização.

Certamente as dificuldades de Severino para trabalhar com o caderno agravaram-se pelo fato de interagir pouco com a professora. Ele, muito tímido e reservado, raramente falava com quem quer que fosse. A professora, por sua vez, considerava que as dificuldades de Severino deviam-se à falta de interesse e preguiça. Houve sensíveis avanços no desempenho do aluno, nos raros momentos

em que a professora acompanhou mais de perto seu trabalho, auxiliando-o com as recomendações necessárias. Ao fim do ano, a professora afirmou que o uso do caderno prejudicou muito as possibilidades de Severino aprender os demais conteúdos da primeira série. Chegou a afirmar que considerava que se ele pudesse recommençar a escolarização após ter aprendido a trabalhar com o caderno, certamente teria um desempenho bem melhor.

Cadernos: dispositivos escolares

Conforme ilustra o exemplo que acaba de ser apresentado, os cadernos escolares não podem ser compreendidos unicamente a partir daquilo que é possível identificar ao observar o seu conteúdo e sua apresentação. São produções de alunos, que dão expressão a uma multiplicidade de relações que se dá na instituição escolar e em torno de sua organização. Além disto, a escola é um espaço onde circulam regras, saberes, conhecimentos, exigências e formas de expressão que ganham particular formato em cada uma das práticas que ali se dão e, dentre elas, está a prática de lidar com os cadernos escolares.

Desta forma, é preciso um conhecimento que transcenda as páginas do caderno e que vá além, até mesmo, de um conhecimento mais aprofundado do paciente-aluno. Dado que é necessária uma metodologia que amplie o olhar, novamente cabe perguntar: como podem ser compreendidos os cadernos escolares?

Uma das áreas de conhecimento que mais tem se dedicado a construir uma abordagem teórica sobre os cadernos escolares é a história da educação. Nesta área, destaco os trabalhos de Anne-Marie Chartier, que propõe que o caderno seja abordado teoricamente como um dispositivo, adotando o conceito foucaultiano (Chartier, 2002).

Dessa forma, considera-se que os cadernos escolares são instrumentos que se prestam a muito mais do que à mera realização de atividades, mas articulam várias instâncias da realidade

escolar. A realização de várias tarefas pelos alunos, tais como escrita de textos, resolução de problemas de matemática, realização de cópias; a correção das atividades, o conhecimento e o controle do professor sobre o trabalho do aluno; a comunicação entre a escola e a família, bem como entre os alunos; o controle do trabalho do professor na instituição de ensino, entre outras⁵.

Conforme destaca a autora, a maioria dos dispositivos não tem alguém que determina e instaura seu uso. Os cadernos escolares, por exemplo, fazem parte dos materiais adotados pelas escolas: nenhum pai de aluno se espanta ao vê-los na lista de materiais; nas pautas de reuniões de planejamento das escolas não se discute a utilização ou não deste material. Cadernos são adotados e utilizados sem que haja maiores questionamentos.

Mas, ainda que a instauração desses dispositivos não possa ser atribuída a um autor, sua manutenção e perpetuação, ao longo do tempo, devem-se a uma infinidade de atores. Alunos, pais e professores participam cada um a sua maneira da composição do conteúdo dos cadernos.

Chartier (2002), referindo-se à definição foucaultiana de dispositivo, destaca que todo dispositivo é um dispositivo de controle, tendo uma função estratégica de dominação. Também é desta maneira que os cadernos se inserem na instituição escolar. Conforme afirma Gvirtz: “Todos se sentem vistos por meio do caderno.” (1999, p. 13, tradução minha)

⁵ Afirmar que os cadernos escolares estão diretamente ligados ao controle na escola não significa afirmar que são necessariamente objetos cujo uso deva ser condenado. Correntemente a palavra controle é associada à submissão e ao assujeitamento. Porém, vale ressaltar que o controle possibilita, ainda, o conhecimento. A partir dos instrumentos de controle da escola, o professor pode construir um conhecimento a respeito de seus alunos, identificar o que conhecem, quais são as dificuldades e os progressos. Alguns autores têm se dedicado a analisar os dispositivos sob outro ângulo. Belin (1999), por exemplo, destaca o papel benevolente que os dispositivos podem exercer. Chartier (2002) aponta o quanto esses dispositivos possibilitam um enquadre estável e objetivo dentro do qual se dão as relações escolares. Berten (1999) destaca a criatividade e a inventividade como características incluídas nos dispositivos.

Primeiramente, o trabalho escolar dos alunos pode ser acompanhado pelo professor e por seus pais. Porém, a função de controle não se esgota nesse ponto. Também o trabalho do professor é controlado por meio dos cadernos de seus alunos. É recorrente nas escolas o procedimento de coordenadores pedagógicos e diretores recolherem os cadernos de alguns estudantes para avaliar como se dá o trabalho do professor. Ao verificar o caderno de seus filhos, os pais também têm acesso a uma parcela do que é desenvolvido em sala de aula. Não são raras as situações em que os pais procuram a escola por discordar da metodologia adotada pelo professor e do modo como determinados conteúdos são abordados. Até mesmo os pais são em algum grau controlados pela instituição escolar a partir dos cadernos de seus filhos. Como, por exemplo, quando deixam marcas ao auxiliar os filhos com as lições de casa e saberes escolares, ou quando deixam de assinar os bilhetes enviados pela professora nas páginas dos cadernos.

Em meio a esse conjunto de relações, frequentemente o professor se vê imerso num emaranhado de exigências e demandas complexas e, por vezes, contraditórias. O controle exercido por pais, alunos e pelos demais profissionais da escola sobre o trabalho docente muitas vezes tem papel determinante no conteúdo que os alunos irão apresentar em seus cadernos. Por exemplo, voltando ao caderno de Severino, anteriormente apresentado, onde é possível ver o registro de uma atividade que buscava explicar a tabuada do 7. Em meados de novembro, a professora deparou-se com a escassez de tempo concomitante com a imposição de ministrar aulas que abrangessem até à tabuada do 10. Frente a esta exigência, ela recorreu à estratégia de explicar de modo rápido, garantindo que o conteúdo estivesse registrado nos cadernos. No entanto, não houve a possibilidade de garantir que todos os alunos realmente compreendessem ou praticassem a nova operação. Em outra situação, uma professora abordou com os alunos o tema 'relação sexual'. Tirou diversas dúvidas dos alunos, abordou temas polêmicos como homossexualidade e aborto. Por fim, escreveu na

lousa, indicando que os alunos copiassem, uma frase que associava a relação sexual ao amor. Apesar de este não ter sido o enfoque dado ao longo da discussão com os alunos, a professora preocupava-se em manter registrado algo que, ao seu ver, não fosse causar a discordância dos pais dos alunos.

Dessa forma, o conteúdo dos cadernos, o modo como está apresentado, assim como o fato de um aluno ter ou não conseguido realizar as atividades propostas pelo professor é algo que tem determinantes que transcendem as características individuais e/ou psicológicas do aluno, ou mesmo a sua capacidade de cumprir aquilo que foi proposto. Os cadernos também não podem ser considerados um “retrato da escola” ou um “registro do processo de aprendizagem”, como propõe Faria (1988).

Os ‘bilhetes’, forma comumente utilizada para denominar as comunicações direcionadas aos pais que os professores fazem por escrito nas folhas dos cadernos, em geral denunciam situações consideradas de indisciplina ou a não realização de tarefas escolares. Muitas vezes expressam preocupações e angústias do professor e, com alguma frequência, são utilizados como forma de resguardar-se da rede de controle a que está submetido. Por exemplo, um caderno que não contenha muitas atividades realizadas pelo aluno pode ser compreendido, por profissionais da escola ou pelos pais do aluno, como uma prova de que o professor não cumpre devidamente a sua tarefa. Ao registrar que foi o aluno quem não realizou o que foi proposto, o professor sinaliza ter feito o que lhe cabia.

Os bilhetes também denotam, com alguma frequência, concepções vigentes na escola sobre os pais e as famílias. Conforme aponta Souza (1997), frequentemente os pais são responsabilizados pelos problemas surgidos na escolarização, sobretudo em escolas que atendem às classes populares. É recorrente encontrar bilhetes que convoquem os pais a assumir responsabilidades e atitudes do âmbito escolar.

Os cadernos também são um importante espaço de transgressão. Professores queixam-se de que os alunos não mantêm seus

cadernos limpos, utilizam-nos para fazer desenhos de cunho sexual ou rasgam-nos depois de utilizá-los. Apesar de existirem muitas regras estabelecidas para o uso dos materiais escolares, com frequência os alunos fazem a escolha de não as seguir. Como aponta Certeau:

Diante de sua página em branco cada criança já se acha posta na posição do industrial ou do urbanista, ou do filósofo cartesiano — aquela de ter que gerir o espaço próprio e distinto, onde executar um querer próprio. (1996, p. 225)

Faria (1988) aponta que nas transgressões reside uma importante forma de o aluno emergir como sujeito, frente às normas escolares. Oliveira (2002) aborda a questão dos usos inesperados que se fazem de variados objetos e identifica nos usos transgressores, que diferem daqueles usualmente propostos, possibilidades emancipatórias. Os diferentes usos que os alunos fazem são formas criativas de expressão pessoal, têm algo de singular e único. São:

[...] pequenas rupturas nessas bem tecidas malhas de regulação social, fragilizando-as, tanto porque denunciam seus limites quanto porque lhes subvertem, sempre de modo imprevisível, a lógica, mesmo que de modo quase invisível, como o é o trabalho das formigas sob o chão do homem. (p. 39)

Uma proposta de olhar

Caminhando no sentido de encontrar maneiras cada vez mais adequadas de compreender os materiais produzidos na escola, em especial os cadernos, apresento algumas sugestões. Não há a intenção de apresentar um protocolo de análise, mas algumas indicações que buscam adotar um referencial crítico diferenciado daqueles que correntemente têm sido adotados.

O caderno escolar pode ser um útil instrumento para o diagnóstico e a intervenção em questões escolares. Porém, *em vez de ser um*

material repleto de respostas sobre a criança e a sua situação escolar, pode funcionar como um importante desencadeador de perguntas.

Considerando que os cadernos pertencem à criança, é importante que seja com a sua concordância que o psicólogo tenha acesso a este material. Muitas vezes a criança não se sente à vontade em expô-los, especialmente quando as produções escolares representam para o aluno o não saber e o fracasso na escola. Neste caso, pode ser interessante buscar outras formas de aproximação. Conforme aponta Moysés (2001), uma mesma característica, habilidade ou capacidade pode ser expressa de modos diversos em diferentes situações. Uma criança pode, por exemplo, saber escrever, ter conhecimentos matemáticos, capacidade de organização, coordenação motora expressando ou não nos cadernos. Assim como conhecimentos ainda não adquiridos podem fazer parte, de modo impecável, do conteúdo destes materiais. Há casos de alunos copistas, que se encontram num estágio muito inicial de aprendizagem de leitura e escrita, mas que apresentam cadernos completos, bem apresentados e com atividades realizadas com perfeição. Certamente há modos de organização das atividades em sala de aula que facilitam isso, enquanto outros inviabilizam. Desta forma, *convém sempre verificar como o que o caderno nos faz supor, a partir de um olhar clínico, se manifesta em outros contextos e em outras situações, considerando tanto o processo de escolarização quanto outros espaços culturais e sociais.*

Sadalla, Bariani e Rocha (1999), ao darem indicações para a análise de material escrito, enfatizam pertinentemente a importância de que a criança seja ouvida e possa comentar o próprio material e produções. Desta forma, é possível: compreender o que seleciona de seu trabalho como sendo bom ou ruim; conhecer quais critérios julga serem os mais importantes ao trabalhar com os cadernos (estética, qualidade da letra, realizar corretamente as atividades, receber menções de aprovação da professora, entre outras); obter informações sobre as situações em que determinadas atividades foram realizadas; ouvir comentários sobre aspectos diversos dos cadernos. É possível, ainda, que o diálogo com base nos materiais escolares traga elementos sobre a relação com a escola,

colegas, professor, família. Ou seja, *o caderno pode ser um importante mediador nas conversas com a criança, possibilitando o acesso a informações referentes, direta ou indiretamente, a sua escolarização.*

Algo bastante interessante oferecido pelos cadernos é a existência de produções realizadas ao longo de um determinado tempo. Tal característica permite observar oscilações de desempenho, progressos, retrocessos ou estagnações⁶. Mais do que constatar esses processos, seria interessante investigar em que situações acontecem. Como a criança se sai em diferentes tipos de atividades (cópias, produções mais livres, diferentes disciplinas etc.)? Houve mudança de procedimento do professor?

Conteúdo dos cadernos

É importante investigar em que condições foram elaboradas as diferentes atividades que são apresentadas. Um dos aspectos importantes é *diferenciar aquilo que foi realizado por meio de cópias e o que foi uma produção mais autônoma do aluno*. Há formas de organização da atividade didática que possibilitam que o aluno copie quase a totalidade dos conteúdos e das resoluções de exercícios de uma disciplina.

As atividades produzidas de modo mais autônomo podem trazer informações sobre aquilo que o aluno domina. As cópias também podem trazer elementos interessantes, sobretudo nos erros que revelam. Por exemplo, quando uma criança copia a palavra “acidente” como “assidente”, ou seja, cometendo um erro ortográfico, é possível supor que ela já tenha feito importantes aquisições neste campo de conhecimento. Afinal, em vez de efetuar apenas a operação de reproduzir letras apresentadas na lousa, realiza uma operação que envolve os sons da palavra copiada.

⁶ Em diversas culturas, como pude observar mais diretamente em materiais brasileiros, franceses e portugueses, os cadernos utilizados no princípio do ano, em geral, revelam atividades realizadas com maior esmero, o que resulta em trabalhos mais organizados e com uma apresentação estética mais cuidada. Esse fenômeno também é frequente quando são usados em cadernos novos.

O conteúdo dos bilhetes encontrados nas páginas dos cadernos também pode ser revelador, podendo dar indícios a respeito das exigências que vigoram em sala de aula, sobre a relação entre o professor e o aluno, bem como sobre as estratégias que vêm sendo adotadas pelo professor em sala de aula para lidar com as dificuldades.

Ainda que as atividades registradas nos cadernos não possam ser consideradas documentos que revelem fielmente as práticas pedagógicas adotadas e nem os conteúdos abordados em sala de aula, podem dar indícios a respeito de como são organizadas as atividades didáticas em sala de aula. Por meio dos registros, é possível conhecer quais são as estratégias que o professor utiliza para ensinar. Serão as atividades propostas interessantes ou desinteressantes? Variadas ou repetitivas? Adequadas ou não ao nível de conhecimento do aluno? Por exemplo, são recorrentes as queixas escolares de crianças que passam a aula distraídas ou fazendo bagunça. E seus cadernos revelam a solicitação de atividades que requerem a interpretação de textos, apesar de ainda se iniciarem no processo de aprendizagem da leitura e escrita.

Conversa com professor

O diálogo com a escola se tem revelado uma das estratégias fundamentais para a compreensão e intervenção em casos que incluem questões escolares. Também neste momento, os cadernos escolares podem intermediar o diálogo, sobretudo com professores.

É interessante proporcionar que o professor comente as produções de seu aluno. Quais considera boas? Com quais não ficou satisfeito? Por quê? A possibilidade de conversar com o professor a respeito do material pode ser um momento fundamental para compreender em que situações as produções se deram. Para conhecer qual é seu modo de trabalhar com a sala de aula como um todo e, em especial, com a criança em questão. Para investigar quais são as estratégias que utiliza. Também pode ser um momento

interessante para compreender situações que levaram o professor a escrever bilhetes. Como os bilhetes são, em geral, direcionados aos pais, podem possibilitar que sejam tematizadas as concepções que o professor tem a respeito da família da criança e qual é a relação que estabelece com ela.

Verificar materiais de outros alunos da mesma sala de aula pode ajudar a compreender quais são as regras e as exigências vigentes na sala de aula. Pode, ainda, dar elementos para avaliar como está o aluno em questão em relação aos demais alunos de sua classe.

O momento de conversa com o professor pode ser interessante também do ponto de vista da intervenção. O atendimento clínico já pode ter revelado elementos interessantes para discutir e problematizar com o professor. Produções que se diferenciem do que comumente é apresentado pelo aluno em seus cadernos, por exemplo, podem ser interessantes no sentido de produzir reflexões.

Assim, as produções escolares podem ser recursos auxiliares muito úteis na tarefa de obter informações a respeito da criança e de sua situação escolar. Porém, isto não é um procedimento simples. Como diz Deleuze:

Desemaranhar as linhas de um dispositivo é, em cada caso, traçar um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas, é o que Foucault chama de “trabalho em terreno”. É preciso instalarmo-nos sobre as próprias linhas, que não se contentam apenas em compor um dispositivo, mas atravessam-no, arrastam-no, de norte a sul, de leste a oeste ou em diagonal. (1989, p. 185, tradução minha)

Concluindo

Os cadernos escolares, se compreendidos como produções unicamente da criança por meio de análises que os descontextualizam e desconsideram o conjunto de relações e as questões

institucionais em meio às quais são produzidos, podem conduzir a interpretações errôneas.

Retomemos a cena que foi apresentada no início deste capítulo: a criança que chega ao consultório por uma queixa escolar. Não é possível tomar seus cadernos e demais registros realizados na escola e compreendê-los somente a partir daquilo que apresentam em si, mas é preciso realizar uma análise que faça desse material um conjunto de indícios, pistas iniciais que devem ser averiguadas cuidadosamente.

Certamente, não é possível ter acesso a todas as informações de como os cadernos são produzidos na escola. No entanto, esta impossibilidade, em vez de paralisadora, deve ser instigadora na busca de informações que transcendam as aparências imediatas e que nos auxiliem a problematizar o que nos é apresentado sob a forma de registro. Sob essa perspectiva, os cadernos podem constituir úteis recursos de avaliação e intervenção clínicas, possibilitando a aproximação e a investigação das questões escolares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNHA, E. G. G. *Distúrbios de Aprendizagem: aspectos diagnósticos e terapêuticos*. 1972. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo.
- BELIN, E. De la Bienveillance dispositive. *Hermès, le dispositif: entre usage et concept*, CNRS, Paris, n. 25, p. 207-218, 1999.
- BERTEN, A. Dispositif, Médiation, Créativité: petite généalogie. *Hermès, le dispositif: entre usage et concept*, CNRS, Paris, n. 25, p. 207-218, 1999.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CHARTIER, A. M. Um dispositivo sem autor: cadernos e fichários na escola primária. *Revista Brasileira da História da Educação*, n. 3, p. 9-26, 2002.
- COSTA, E. L. R. *Referenciais teóricos para a análise neuropsicológica de cadernos escolares* (uma técnica auxiliar de diagnóstico). 1983. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo.
- _____. *Análise neuropsicológica da escrita em cadernos escolares*. 1993. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo.
- DELEUZE, G. Qu'est-ce qu'un dispositif? In: *Michel Foucault Philosophe: rencontre internationale Paris 9, 10, 11 janvier 1988*. Paris: Éditions du Seuil, 1989.
- FARIA, V. L. B. *No caderno da criança o retrato da escola*. 1988. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

- GOULD, S. J. *A Falsa Medida do Homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GVIRTZ, S. *El discurso escolar a través de los cuadernos de clase*. Buenos Aires: Eudeba Facultad de Filosofía e Letras Universidad de Buenos Aires, 1999.
- MOYSÉS, M. A. A. *A Institucionalização Invisível: crianças que não-aprendem-na-escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.
- OLIVEIRA, I. B. A rebeldia do/no cotidiano: regras de consumo e usos transgressores das tecnologias na tessitura da emancipação social. *Subjetividades, tecnologias e escolas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- PATTO, M. H. S. *A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990.
- _____. *Mutações do Cativo*. São Paulo: Hacker Editores/Edusp, 2000.
- SADALLA, A. M. F.; BARIANI, I. C. D.; ROCHA, M. S. P. M. Roteiro de observação e análise de material escrito. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 3, n. 2, p. 171-174, 1999.
- SANTOS, A. A. C. *Cadernos escolares na primeira série do Ensino Fundamental: funções e significados*. 2002. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo.
- _____. SOUZA, M. P. R. Cadernos escolares: como e o que se registra no contexto escolar. *Psicologia Escolar e Educacional*, Campinas, v. 9, n. 2, p. 291-302, 2005.
- SOUZA, M. P. R. Repensando o lugar dos afetos na sala de aula. Os desafios encontrados no cotidiano escolar. *Revista Idéias*, São Paulo, n. 28, p. 159-174, 1997.